

Do acontecimento à metalinguagem: uma análise enunciativa do poema “Neologismo” de Manuel Bandeira

From event to metalanguage: an enunciative analysis of the poem “Neologismo” by Manuel Bandeira

Ana Cecylia de Assis Xavier Sá¹
Mônica Mano Trindade Ferraz²

Resumo

O objetivo deste artigo é realizar a análise do poema “Neologismo”, de Manuel Bandeira, à luz de duas perspectivas: a de acontecimento e de metalinguagem. Para isso, toma-se, por um lado, a posição estabelecida por Guimarães (2017; 2018), que considera o texto como uma unidade que integra enunciados, transversalmente, e o enunciado como um acontecimento. Por outro lado, recorre-se à noção de funções da linguagem, de Jakobson (1985), mais especificamente no tocante à função metalinguística, que trata do processo de metalinguagem. Pela análise dos enunciados do poema, é possível produzir uma compreensão do texto pela projeção de uma análise do acontecimento concomitante à da metalinguagem. Na verdade, pode-se perceber um interessante movimento de significação próprio: a metalinguagem se dá como um acontecimento no poema, a partir da inauguração de um novo nome, “Neologismo”. Logo, a função metalinguística da linguagem é fundamental para a análise do processo enunciativo próprio do poema de Bandeira.

Palavras-chave: Enunciação. Semântica do Acontecimento. Funções da Linguagem. Metaliguagem

Abstract

This article's objective is to analyze the poem “Neologism”, by Manuel Bandeira, in the light of two perspectives: that of event and metalanguage. For this, it takes, on the one hand, the position established by Guimarães (2018), which considers the text as a unit that integrates utterances, transversely, and the utterance as an event. On the other hand, Jakobson's (1985) notion of language functions is utilized, more specifically concerning the metalinguistic function, which deals with the metalanguage process. By analyzing the statements of the poem, it is possible to produce an understanding of the text by projecting an analysis of the event concomitant to that of metalanguage. In fact, it is possible to perceive an interesting movement of its own meaning: metalanguage occurs as an event in the poem, from the introduction of a new name, “Neologism”. Therefore, the metalinguistic function of language is fundamental for the analysis of the enunciative process proper to Bandeira's poem.

Keywords: Enunciation. Event Semantics. Language functions. Metalanguage

Recebido em: 14/10/2020.

Aceito em: 13/03/2021.

¹ Universidade Federal da Paraíba. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1863-6923>.

² Universidade Federal da Paraíba. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1265-8590>.

Introdução

Ao realizar a análise do poema “Neologismo”, de Manuel Bandeira, à luz das perspectivas de acontecimento e de metalinguagem, esta análise procura, por um lado, mostrar como podemos analisar texto a partir de um procedimento de análise específico que se vale de uma semântica da enunciação. Por outro lado, interessa-nos mostrar como a metalinguagem é imprescindível para a significação dos enunciados do poema. Esta compreensão traz o interesse de colocar em pauta uma questão sobre sua enunciação e sobre a própria língua. Logo, nosso interesse não é discutir a questão da crítica literária sobre este texto, muito menos sobre o poeta, mas analisá-lo linguística e enunciativamente.

A Semântica do Acontecimento “considera que a análise do sentido da linguagem deve se localizar no estudo da enunciação, no acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2005, p. 7). De modo mais específico, nesta perspectiva teórica, a relação de sentido está na passagem do enunciado para o acontecimento.

Em Guimarães (2018), encontramos uma análise do poema Neologismo, de Manuel Bandeira, o que nos permite compreender essa afirmação sobre acontecimento e temporalização. Porém, por não terem sido esgotadas todas as possibilidades de análise deste poema, na obra de Guimarães (2018), propomos a sua análise à luz da metalinguagem, que tem papel central na significação do poema, desde o seu título à significação final.

Do ponto de vista da metalinguagem, trataremos das funções da linguagem, ampliadas por Jakobson (1985), com ênfase à função metalinguística, já que essa é uma das principais características do poema ora analisado, a partir de um neologismo.

Sendo assim, o poema escolhido para conduzir as considerações e análise deste estudo centra-se tanto na área da significação e da enunciação, focalizando os estudos de Benveniste e Eduardo Guimarães, como nas contribuições ao estudo da linguagem, das teorizações sobre as funções da linguagem formuladas durante meados do século XX, na área da linguística estrutural, recorrendo às contribuições de Roman Jakobson (1980, 1985).

O nosso interesse não é, pois, o de estabelecer comparações e relações entre as teorias em si, mas mostrar um paralelo entre a noção de acontecimento/enunciação/enunciado, com as concepções que enfocam as funções que a linguagem desempenha, mais especificamente a metalinguística, fundamental à significação do poema “Neologismo”.

Enunciação, acontecimento e temporalidade

Quando inaugura a Semântica do Acontecimento (SA), Guimarães (2005) se fundamenta em especificidades de uma semântica linguística. Assim, dialogando com a Pragmática, a Semântica Argumentativa e a Análise do Discurso, a SA “considera que a análise do sentido da linguagem deve se localizar no estudo da enunciação, no acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2005, p. 7). Nesta perspectiva teórica, a relação de sentido está na passagem do enunciado para o acontecimento. Dos conceitos discutidos pelo autor, destacamos o acontecimento e a temporalidade, que norteiam a teoria proposta e encaminham todos os outros conceitos (relevantes à nossa análise): a enunciação, a cena

enunciativa e a noção de locutor, pela sua relação com a Análise do Discurso.

A partir de posições benvenistianas, Guimarães (2017, p. 12) toma enunciação “como uma atividade do locutor em produzir enunciado”. Este tipo de conceito leva o semanticista a considerar o sujeito da enunciação como uno e único; além de revelar certa autoridade da língua na produção de enunciados. Em um dos seus primeiros trabalhos em que podemos encontrar uma possível origem para a Semântica do Acontecimento, Guimarães já sinaliza “definiremos a *enunciação* como o evento histórico do aparecimento do enunciado. Ou seja, definiremos a enunciação independentemente do sujeito” (GUIMARÃES, 1987, p. 12).

Sendo assim, a enunciação “é um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua, considerando o político na linguagem” (GUIMARÃES, 2017, p. 10). Por isso, acontecimento é o que faz diferença na própria ordem; não pode ser visto como algo empírico, como se fosse o fato de que algo ocorre.

É partir de tal conceito que pode ser explicado o nome dado à sua semântica: a do *acontecimento*. Este termo surge quando o autor justifica que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, no acontecimento do dizer. Logo, há uma aproximação entre enunciação e acontecimento (GUIMARÃES, 2017). Guimarães (2005), em um exercício de aproximação e, ao mesmo tempo, afastamento dos conceitos de enunciação dados por Benveniste (1991), para quem a enunciação é a língua posta em funcionamento pelo locutor, e Ducrot (1987), para quem a enunciação é o elemento do aparecimento de um enunciado, toma a enunciação como um evento de funcionamento da língua, elegendo alguns elementos indispensáveis: língua, sujeito, temporalidade e real.

A noção de temporalidade, portanto, não está relacionada ao conceito de tempo cronológico, já que o acontecimento não é um fato no tempo; ao contrário, é o acontecimento quem temporaliza. Em Guimarães (2018), encontramos análise do poema *Neologismo*, de Manuel Bandeira, para tentar nos encaminhar para uma melhor compreensão da afirmação sobre acontecimento e temporalização. Dessa análise, depreendemos dos versos “*Beijo pouco, falo menos ainda. Mas invento palavras*” que há um passado de sentidos em que a invenção de uma palavra não é comum – o que pode ser identificado a partir da relação sintática com a conjunção “mas”. Por outro lado, a invenção de uma palavra, o “neologismo”, dada pelos versos “*inventei, por exemplo, o verbo teadorar. Intransitivo. Teodoro, Teodora*” faz significar algo futuro, pois há um novo verbo na língua. Assim, no acontecimento da enunciação, tem-se estabelecido um presente, que remonta a um passado e projeta o futuro, como algo que se pode dizer a partir do acontecimento: todas as ocorrências que serão feitas com este novo verbo.

Cena Enunciativa

A promoção de uma palavra na língua ocorre em cenas enunciativas, consideradas como o espaço em que se tem acesso à palavra em suas relações entre as figuras que compõem o processo de enunciação, ou seja, “cenas são especificações locais nos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2017, p. 31).

Para a Semântica do Acontecimento, a cena enunciativa é um espaço particular onde ocorre a distribuição dos lugares da enunciação do acontecimento. De acordo com

Guimarães (2017, p. 31), “os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para ‘aquele que fala’ ou ‘aquele para quem fala’ não são pessoas, mas configurações do agenciamento enunciativo”.

A partir desta argumentação, emerge a questão: se assim o é, como se dá o processo de distribuição dos lugares de enunciação? Para a Semântica do Acontecimento, a distribuição dos lugares de enunciação é determinada pela temporalização singular do acontecimento. “Neste sentido a temporalização específica do acontecimento é fundamento da cena enunciativa” (GUIMARÃES, 2017, p. 31).

A cena enunciativa se organiza de forma que a palavra enunciada se origina de uma fonte do dizer, esta fonte do dizer, para a Semântica do Acontecimento, é o próprio Locutor (L). Nestes termos, o Locutor, além de representar-se no dizer como fonte do próprio dizer, representa o tempo do dizer como contemporâneo do Locutor e, por fim, representa o dizer como o que está no presente formado por este locutor (GUIMARÃES, 2017).

É relevante ressaltar que o Locutor, enquanto origem do dizer, divide-se, pois para ocupar o lugar de Locutor é preciso estar afetado pelos lugares sociais que autorizam a falar; além disso, ao ser agenciado em locutor, também é agenciado como aquele que fala para alguém (seu locutário). Segundo Guimarães (2017, p. 32), “para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor” (locutor-x), conforme quadro por nós elaborado:

Quadro 1: Lugares sociais do dizer – papéis sociais.

| Lugares sociais do dizer (Papéis sociais) |
|--|
| Locutor-presidente. |
| Locutor-jornalista. |
| Locutor-professor. |

Nesse sentido, o falante, ao ser agenciado, divide-se em Locutor e alocutor. Para brevemente esclarecer, o alocutor será sempre um alocutor-x, ou seja, “um alocutor que é a cada acontecimento especificado por uma caracterização do próprio acontecimento” (GUIMARÃES, 2018, p. 56), numa alocação específica com o seu alocutário-x, aquele para quem o alocutor diz.

Para a Semântica do Acontecimento, o Locutor, ao se apresentar, é predicado por um lugar social e, de acordo com Guimarães (2017, p. 35), esta predicção do lugar social é “distribuída por uma deontologia do dizer” (lugares do dizer), conforme demonstra o quadro que elaboramos:

Quadro 2: Lugares do dizer – enunciadores.

| Lugares do dizer | |
|-------------------------|--|
| Enunciadores | Características |
| Individual | Representa o Locutor como independente da história. |
| Genérico | Representa o Locutor como difuso num todo, em que o indivíduo fala como outros indivíduos. |
| Universal | Representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso. |

Tomemos o texto abaixo, *corpus* da nossa análise, para melhor caracterizarmos estes lugares sociais do dizer (os papéis sociais: locutores), na sua relação com os enunciadores:

Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.

Intransitivo:
Teodoro, Teodora.

Ao realizarmos esta análise da cena enunciativa, no acontecimento dessa enunciação, o Locutor-x é constituído em poeta e agenciado como aquele que fala para alguém (Locutário), ambos tomados no mesmo espaço de enunciação. De um lado, o Locutor-poeta, na relação específica desse acontecimento, apresenta-se como o alocutor, na constituição da cena enunciativa, ou seja, alocutor-apaixonado, que diz, por exemplo, “Teodoro, Teodora”, ao alocutário-companheira, Teodora. Ora, mais à frente será possível entender como este acontecimento, instaurado no último verso do poema, só é possível a partir de uma instauração de uma nova palavra, dada como neologismo, e do caráter marcadamente metalinguístico do poema.

O enunciador, por sua vez, caracteriza-se como individual, (ou, se for possível propor, mesmo que Guimarães não o faça, um enunciador pessoal, confidencial) por se tratar de um eu lírico e este ser, sempre, individual em cada acontecimento nos enunciados-poemas, já que independe da história.

Dadas as considerações sobre a Semântica do acontecimento, trataremos, agora, das Funções da linguagem, propostas por Jakobson (DATA), que serão fundamentais à relação que faremos na análise entre essas duas teorias.

O papel da metalinguagem

Ao estabelecer o objeto próprio de estudo – a língua – e formular um método particular de análise da linguagem, Saussure inaugurou a Ciência Linguística Moderna. Neste momento, surgiu a necessidade de firmar a Linguística como uma ciência autônoma no quadro mais amplo das ciências sociais e, com isso, emerge a vertente do estruturalismo como uma corrente teórica para desenvolver o modelo saussuriano. Porém, no âmago desses estudos, muitas outras visões sobre este mesmo objeto surgiram e colocaram em pauta o fato de a Linguística, como disciplina, não conseguir dar conta de todos os fatos/fenômenos acerca da linguagem.

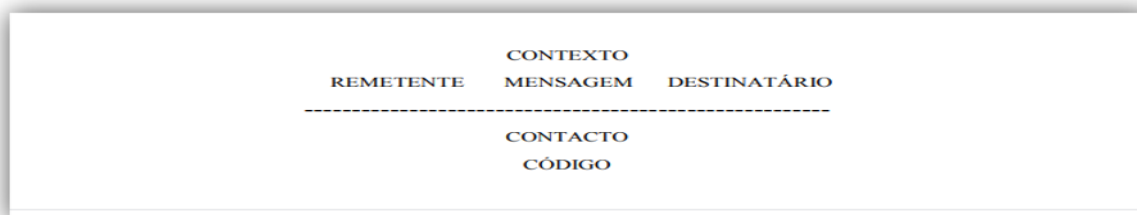
Bakhtin, por exemplo, ressalta a existência de duas disciplinas distintas para o estudo da linguagem verbal. Por um lado, a Linguística (para os estudos meramente gramaticais); por outro, a metalinguística (para estudo das práticas socioverbais concretas e das relações dialógicas). Sendo assim, o escopo dado à Metalinguística observa o discurso em sua totalidade, de modo em que a língua passe a ser percebida em utilização real e em

condições reais de interação social; enquanto que a Linguística, por sua vez, possui o objetivo de estudar a língua, abstraindo o que concerne à concretude do discurso (BAKHTIN, 2010).

Tal “divisão” é evidenciada ainda mais quando se observa o conceito de metalinguagem nos estudos literários, propostos por Jakobson (1985). Na verdade, ao propor uma “análise científica e objetiva da arte verbal”, Jakobson (1985, p. 153) postula que a Linguística deve estudar a linguagem poética, pois esta está presente em todas as atividades verbais. Neste cenário, Chalhub (1999), ancorada nas ideias de Roman Jakobson, afirma que a lógica moderna aponta para uma linguagem-objeto, ou seja, aquela cuja função é descrever e nomear as coisas. A metalinguagem, por sua vez, tem como objeto a linguagem-objeto justamente por esta utilização do código para explicar o próprio código (o alfabeto). Assim, ao realizamos algumas ações diariamente, enquanto falantes, como tirar dúvidas sobre uma pergunta, consultar um verbete de dicionário e escrever sobre conceitos da própria língua, por exemplo, estamos nos utilizando da metalinguagem como uma prática cotidiana, já que o código é o responsável pela realização de todas estas ações.

Assim, é justamente por tratar dessa versão poética nos estudos linguísticos que Jakobson (1985) incorpora o estudo das funções da linguagem. Na verdade, inicialmente, o modelo tradicional de língua restringia-se a três funções – “emotiva, conativa e referencial – e para os três vértices desse modelo: a primeira pessoa do emissor, a segunda pessoa do receptor e a terceira pessoa: algo ou alguém de quem se fala” (JAKOBSON, 1980, p. 2). Este mesmo linguista postula que os atos de comunicação não acontecem de maneira aleatória, pois, mesmo quando ocorrem de modo intuitivo, sempre há alguma intenção, seja ela explícita ou não. Assim, Jakobson (1985) elaborou seu famoso modelo, ampliado de concepções tradicionais, no qual operam seis fatores essenciais, chamados de *elementos da comunicação*:

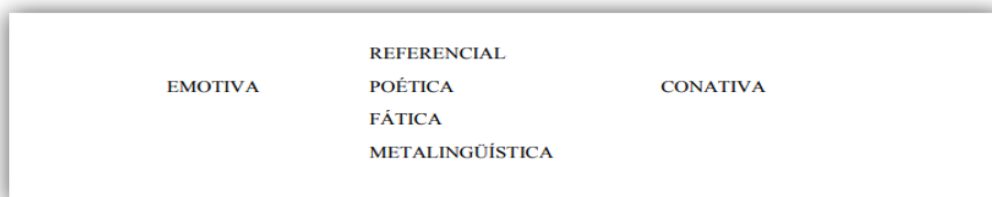
Figura 1: Esquema da comunicação



Fonte: JAKOBSON, 1985, p. 128.

É válido salientar, por sua vez, que cada função da linguagem se refere e faz uso de um elemento da comunicação específico; podendo um enunciado fazer parte de mais de uma função. Para figurar o posicionamento das funções em relação aos elementos, Jakobson elabora o diagrama/quadro abaixo:

Figura 2: Funções da linguagem



Fonte: JAKOBSON, 1985, p. 128.

A função emotiva, segundo Jakobson (2010), diz respeito à capacidade que a linguagem tem para expressar a atitude de quem fala em relação ao que está falando, ou seja, uma das principais características desta função é o uso da 1ª pessoa (EU). Já a função conativa centra-se no destinatário, ou seja, é nas mensagens em que se expressa uma orientação direta ao destinatário, como, por exemplo, nos usos verbais do imperativo, em propagandas publicitárias e também no uso de vocativos para estabelecer proximidade com o seu receptor. Na função fática é estabelecido o canal de comunicação, que é constantemente testado, já que a manutenção da comunicação é prioridade – o que podemos exemplificar com as mensagens trocadas via whatsapp, em que este aplicativo e a própria internet são responsáveis pelo destino da mensagem.

A função referencial serve para designar objetos e atribuir-lhes significações, ou seja, os conteúdos e referentes/contexto devem ser identificados pelo emissor/receptor, já que se refere ao que está em jogo na mensagem emitida, por isso é resultado de uma operação psicológica, cognitiva de compreensão (JAKOBSON, 1980). A chamada função poética visa à estrutura da mensagem e não é exclusiva da poesia, mas tem como fator predominante e determinante a própria estrutura, por isso, muitas vezes, ela é identificada apenas quando se vê textos poéticos.

Por fim, a metalinguagem, função que desempenhará papel fulcral na nossa análise, é essencial à linguagem cotidiana e à aquisição de uma língua. Além disso, expressa-se mais claramente em frases que fornecem informações a respeito do código lexical de um idioma, considerado por Jakobson (1985, p. 162) como “sentenças equacionais”, ou seja, o código é explicado a partir do próprio código.

Da metalinguagem ao acontecimento

Se levarmos em consideração que cada ciência da linguagem é dotada de um objeto e este delimita sua unidade de análise, podemos afirmar que, nesta análise, tomaremos o enunciado como uma unidade que, segundo Guimarães (2018, p. 15), “é a unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa”. Nesse sentido, ao nos depararmos com a análise do poema “Neologismo”, de Manuel Bandeira, em Guimarães (2018), conseguimos extrair dele as nuances que definem a Semântica do Acontecimento. Porém, na incompletude desta análise feita pelo autor ainda podemos aprofundar a discussão, uma vez que, desde o próprio nome do poema, há uma faceta (meta)lingüística que merece destaque: o fato de os enunciados falarem do próprio código.

Passemos, agora, à análise meta-enunciativa do poema. O enunciado título do poema de Bandeira se trata, desde já, de uma metalinguagem, já que o termo “Neologismo” é um processo de formação linguística que origina novas palavras. Assim, o enunciado tomado por “Neologismo” inaugura a enunciação do poema, já que esta última diz respeito “a algo que ocorre quando se diz algo” (GUIMARÃES, 2018, p. 19). O enunciado em questão é resultado da enunciação que, por sua vez, é o próprio acontecimento: ao enunciar “Neologismo”, o leitor do texto deve fazer referência a um poema que tratará do próprio código e ativará o conhecimento metalinguístico.

Percebemos, ainda, que o locutor-autor faz um jogo com o título do poema, em cujos versos podemos entender o sentido da palavra “Neologismo” recriado pelo verbo inventar, exemplificado pela nova palavra que ele cria: o verbo “Teodorar”. Em um tom metalinguístico, ele produz um verso com um único enunciado: “Intransitivo”, remetendo à predicação verbal tratada pela Gramática Tradicional e à fidelidade do eu enunciator-individual (confidencial) à adorada Teodora (nome que foi responsável por garantir o trocadilho com o verbo inventado “Teodorar” e que marca a metalinguagem dentro do enunciado).

Nos enunciados “Beijo pouco; falo menos ainda”, conforme Guimarães (2018) já analisou, percebemos que cada um, por si só, se basta e possui uma consistência interna e independência relativa. Porém, o que nos mostram estes enunciados é que as palavras “pouco” e “menos ainda” aderem a esta relatividade; ou seja, eu só enuncio este último porque o primeiro fora enunciado antes. Logo, os dois enunciados integram-se ao todo do acontecimento e nos traduzem a função metalinguística, especialmente pelo enunciado “falo menos ainda”, em que o locutor-x poeta afirma usar pouco o código da língua, oralmente, para significar.

Sabendo que um enunciado tem que ser considerado enquanto um elemento linguístico em um acontecimento, aquele primeiro só existe quando dito numa enunciação (GUIMARÃES, 2018). Logo, o enunciado “Mas invento palavras” significa, neste acontecimento, em dois sentidos: 1. numa relação também de independência relativa aos enunciados anteriores, já que o “mas”, sintaticamente, indica uma oposição às ideias anteriores; 2. segundo numa relação metalinguística que traduz todo o sentido do poema, cujo enunciado título é “Neologismo”. Assim, é neste enunciado introduzido pelo “mas” que o locutor-x poeta mostra o todo significativo do acontecimento e é quando o leitor consegue fazer uma referência metalinguística do título com o fato de que “inventar palavras” é o conceito de “neologismo”.

É neste ponto que acontecimento e metalinguagem se entrecruzam, uma vez que o acontecimento só foi instaurado quando o locutor-x poeta criou este título “Neologismo” e quando o enunciator-individual/confidencial disse que “inventa palavras”, ou seja, o recurso utilizado tanto pelo locutor-x quanto pelo enunciator foi a função metalinguística, no sentido de que locutor-x poeta e locutor-x apaixonado se encontram ao utilizar o próprio código para elencar uma qualidade: o de inventar palavras. A linguagem literária, neste caso, ativa a função metalinguística, tanto tematizada, quando evidencia um falar sobre o próprio código, a partir do enunciado “Neologismo”, como estruturalmente, quando este código é ao mesmo tempo falado e demonstrado, como nos enunciados “Mas invento palavras”, “Inventei, por exemplo, o verbo Teodorar” e “Teodoro, Teodora”.

No enunciado “Inventei, por exemplo, o verbo Teodorar”, tomemos a existência do verbo “Teodorar”, fruto da metalinguagem no poema a partir do processo de neologismo.

Este verbo, por si só, obedece ao paradigma verbal previsto na gramática normativa, cuja conjugação “ar” conclui esta formação no modo infinitivo. Se analisarmos morfológicamente, o verbo “teadorar” também poderia ter passado facilmente pelo processo de formação de palavras denominado prefixal, porém o seu prefixo seria um elemento significativo na língua, o pronome oblíquo de 2ª pessoa, “te”. Assim, se unirmos o prefixo/pronome “te” + o verbo convencional “adorar”, possuímos a formação do verbo “Teadorar”.

Podemos extrair várias significações deste enunciado verbo: 1. o uso do pronome “te”, na junção com o verbo “adorar” foi utilizado para referir-se ao alocutário-x, sua amada, Teodora (cujo nome faz trocadilho com o próprio verbo criado); 2. a metalinguagem se faz presente neste enunciado duplamente, seja pelo uso intencional do pronome como prefixo, seja pela criação de um novo nome; 3. o verbo “teadorar” se configura como um acontecimento, uma vez que abre um leque de outras possibilidades de usos, ou seja, uma futuridade, cujos enunciados terão significação distinta. 4. esta metalinguagem, a criação do verbo “teadorar”, que no caso é o próprio acontecimento, por significar e dizer algo, na verdade quer “enunciar te adoro”, ou seja, “teadorar é dizer ‘digo que te adoro’” (GUIMARÃES, 2018, p. 21).

Nesse contexto, a significação do verbo teadorar pode estar relacionada a processos de homonímia, na relação com o nome Teodora: 1. “te” como pronome pessoal; 2. “te” como formação inicial do nome próprio Teodora. Além disso, é preciso compreender que a formação deste verbo não foi feita de modo aleatório. Este acontecimento só foi possível porque estava marcado por uma pessoa do discurso (o próprio locutor-x poeta), que fala a alguém (alocutor-x, Teodora); também porque o mesmo locutor estava tomado pela língua, amparado em recursos que dominava, como os trocadilhos, o neologismo, os processos de formação de palavras e, por fim, englobando todos estes aspectos, a metalinguagem. Assim, segundo Guimarães (2018), o sujeito tomado pela própria língua sempre fala em um acontecimento específico e intransferível, logo, jamais o verbo “teadorar” será usado da mesma maneira, pois a futuridade fará com que ele seja utilizado como outro acontecimento. É a partir destes demais acontecimentos que, de fato, o verbo “teadorar” passa a significar em outras enunciações.

No enunciado final do poema, “Teodoro, Teodora”, a enunciação é considerada um acontecimento devido ao funcionamento da língua. Neste caso, tal funcionamento ocorre através da função metalinguística, quando o locutor-x poeta se utiliza do próprio código e das possibilidades linguístico-gramaticais para criar suas próprias sistematicidades. Desse modo, é preciso considerar que o enunciado acima mencionado significa e é, também, elemento deste acontecimento, pois o enunciado metalinguístico “Teodoro, Teodora” só existe, com estas formações gramaticais, neste poema de Manuel Bandeira, por isso é único.

Por fim, observamos que estas análises realizadas podem ser meramente sintetizadas se compreendermos que a enunciação, para Guimarães (2018), é um acontecimento que produz sentido, seja ele criado/formado por qualquer sistematicidade ou função da língua. Logo, estudar enunciação/acontecimento e a metalinguagem, juntos, só nos mostra que o acontecimento se dá também a partir das funcionalidades linguísticas, a depender da enunciação pretendida. Sem pensar na função metalinguística e na formação de palavras, o neologismo, este acontecimento seria outro e a enunciação não significaria da mesma forma como a concebemos nesta análise.

Considerações finais

Este artigo apresentou uma análise do poema “Neologismo”, de Manuel Bandeira, à luz de duas perspectivas: a noção enunciativa de acontecimento, veiculada por Guimarães (2005, 2018), e a noção de metalinguagem, a partir do estudo das funções da linguagem de Jakobson (2002). Nossa intenção não foi a de opor as teorias, mas de aproximá-las numa análise possível.

Ao relacionarmos os conceitos, a partir dos enunciados do poema, percebemos que sua significação foi produzida pelo acontecimento, este calcado na metalinguagem, já que o enunciado título do poema, “Neologismo”, por si só demonstra um material da linguagem específico. Ao longo dos enunciados do poema, observamos que “Mas invento palavras”; “Inventei, por exemplo, o verbo teadorar” e “Teadoro, Teodora” significam por sua possibilidade de criação, enquanto um elemento linguístico em um acontecimento.

Por fim, cabe considerar que tal relação foi possível, já que a Semântica do Acontecimento, enquanto uma Semântica da Enunciação, produz significação a partir de muitos aspectos linguísticos (morfológicos, sintáticos, metalinguísticos), como demonstramos na análise, a partir do acontecimento do funcionamento da língua que agencia os próprios falantes.

Referências

- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BENVENISTE, E. Saussure após meio século. *In: Problemas de linguística geral I*. Tradução: Maria da Glória Novak; Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1991.
- CHALHUB, S. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1998.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão Técnica da Tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação**. Campinas: Pontes, 1987.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2 ed. Campinas: Pontes, 2005.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- GUIMARÃES, E. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- JAKOBSON, R. Metalanguage as a linguistic problem. *In: JAKOBSON, R. The framework of language. Ann Arbor: University of Michigan*, 1980. p. 81-92. ISBN: 0-936534-00-1. Tradução de Waldemar Ferreira Netto.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 1985.